

**(aprendendo) Direitos Humanos
com Boletins do Fórum Intersindical**

[Boletim Informativo nº 14, outubro 2016, Editorial]

O que foi feito de vera na Saúde do Trabalhador?

Estamos em outubro. Todos os outubros são a consolidação da primavera (a primeira estação do bom tempo). Quantos outubros ainda virão com trabalhadores morrendo no trabalho? Mas, o que foi feito de vera? A vera dessa nossa conversa não é propriamente uma mulher, enquanto uma pessoa. Ou até é. Vera é a que é Verdadeira. Ou, para simplificar, verdade. Verdade é uma palavra feminina. Portanto, falamos de uma mulher: Verdade. Quantas mulheres adoecem e morrem no trabalho? O que foi feito de vera? Meninos e meninas, há tantos anos atrás, quando brigavam de mentirinha era apenas ‘de mentirinha’. Mas quando brigavam de verdade era ‘a vera’ ou ‘de vera’. A nossa Vera, não é só a mulher trabalhadora que sucumbe no trabalho. É a Verdadeira face da nossa conversa. Tantos amores foram desfeitos porque eram ‘a vera’, tantas vidas foram mudadas porque as palavras eram ‘de vera’. ‘De mentirinha’ ou ‘de vera’ selava o destino das crianças há tantos anos atrás. E continua selando o destino das pessoas. Quando Milton Nascimento fez a música “O que foi feito de vera”, cada um de seus parceiros, Fernando Brant e Márcio Borges, fez uma letra diferente para a música. Milton, surpreso com a coincidência, aproveitou as duas letras que, mesmo sendo diferentes, convergiam para o mesmo ponto da pergunta: “O que foi feito de vera?” ou “O que foi feito de verdade?” **(Ouça)** e vamos conversando. Estávamos em 1978. A ditadura estava estrebuchando. Já havia matado demais, já havia desrespeitado demais a dignidade das pessoas. Lutávamos para que trabalhadores fossem mais respeitados. Esse foi o ano da Conferência de Alma-Ata sobre cuidados primários de saúde, que tanto influenciou o SUS. Coincidência? Preservar a vida no trabalho é um cuidado primário de saúde ‘a vera’?

E Milton Nascimento perguntava: ‘O que foi feito de verdade?’ ‘O que foi feito de vera?’ Nós, do Fórum Intersindical, perguntamos: o que foi feito de verdade na saúde do trabalhador? Alguma coisa foi feita, de lá p’ra cá, mas o que foi feito é muito pouco. Trabalhadores continuam morrendo, adoecendo e morrendo de novo – seus filhos – os novos trabalhadores que morrem e os que estão aí a serem mortos e assim sucessivamente. Enquanto alguns abnegados tentam defender a vida e a saúde dos trabalhadores ‘de vera’, o poder econômico continua agindo de ‘mentirinha’ com a questão. São muitos os cúmplices dessa ‘mentirinha’, muitos dentro do próprio aparelho de Estado brasileiro. ‘De vera’ é seguir a Constituição Brasileira e tratar a saúde do trabalhador como um problema de saúde pública. ‘De vera’ é reconhecer o SUS como órgão responsável pela vigilância da saúde do trabalhador. ‘De vera’ é o próprio SUS reconhecer-se nessa missão. ‘De vera’ é o movimento sindical cobrar do SUS uma atitude mais proativa dos milhares de profissionais inseridos nos Centros de Referência de Saúde do Trabalhador do SUS. ‘De vera’ é as Superintendências Regionais do Trabalho entenderem que a doença e a morte no trabalho são um problema de saúde pública e não agirem contra o SUS. ‘De vera’ seria muito bom se os órgãos públicos responsáveis pela defesa da vida no trabalho - Cerest, Vigilância Sanitária, Trabalho, Previdência, Fundacentro - e as Universidades e os sindicatos pudessem se unir no esforço comum de se contrapor à doença e à morte no trabalho, de forma competente, objetiva e resolutiva. ■■■

O que foi feito de vera

O que foi feito, amigo,
De tudo que a gente sonhou
O que foi feito da vida,
O que foi feito do amor
Quisera encontrar aquele verso menino
Que escrevi há tantos anos atrás
Falo assim sem saudade,
Falo assim por saber
Se muito vale o já feito,
Mais vale o que será
Mais vale o que será
E o que foi feito é preciso
Conhecer para melhor prosseguir
Falo assim sem tristeza,
Falo por acreditar
Que é cobrando o que fomos
Que nós iremos crescer
Nós iremos crescer,
Outros outubros virão
Outras manhãs, plenas de sol

E de luz
Alertem todos alarmas
Que o homem que eu era voltou
A tribo toda reunida,
Ração dividida ao sol
E nossa vera cruz,
Quando o descanso era luta pelo pão
E aventura sem par
Quando o cansaço era rio
E rio qualquer dava pé
E a cabeça rolava num gira-girar de amor
E até mesmo a fé não era cega nem nada
Era só nuvem no céu e raiz
Hoje essa vida só cabe
Na palma da minha paixão
Devera nunca se acabe,
Abelha fazendo o seu mel
No canto que criei,
Nem vá dormir como pedra e esquecer
O que foi feito de nós